



LIVRO DIDÁTICO: ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

DIDACTIC BOOK: ANALYSIS OF LINGUISTIC VARIATION IN THE SIXTH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL PORTUGUESE LANGUAGE BOOK

Josué Cordovil Medeiros (IFAM)¹
cordovil.01@gmail.com

RESUMO: Este trabalho objetivou analisar a forma como a variação linguística é trabalhada no livro didático de Língua Portuguesa (Volume 1, 6º ano do Ensino Fundamental – Manual do Professor) intitulado *Português: conexão e uso*, assinado por Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho. Trata-se de trabalho de revisão documental, de natureza qualitativa. O respaldo teórico está centrado nas ideias de Alkmim (2012), Bortoni-Ricardo (2014), Camacho (2012), Carvalho-Belini (2014), Creswell (2010), Labov (2008), Marcuschi (2002; 2007), Milroy (2011), Mollica (2015), Paiva (2015), Possenti (1996), Preti (2004; 1977), Severino (2016), além de outros autores e documentos oficiais. A análise permitiu verificar que as autoras destinaram uma seção específica denominada A língua não é sempre a mesma para discutir a temática da variação linguística. Entretanto, é importante ressaltar que apenas as unidades 1, 2 e 6 trouxeram a referida temática, o que indica que o debate sobre as variações desprestigiadas da língua ainda ocupa pouco espaço nos livros didáticos, e que a variação padrão ainda é priorizada no ensino da Língua Portuguesa no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Didático; Sociolinguística; Variação Linguística; Educação.

ABSTRACT: This study aimed to analyze the way linguistic variation is dealt with in the Portuguese Language textbook (Volume 1, 6th year of Elementary School – Teacher's Manual) entitled *Portuguese: connection and use*, signed by Dileta Delmanto and Laiz B. de Oak. This is a document review work, of a qualitative nature. The theoretical support is centered on the ideas of Alkmim (2012), Bortoni-Ricardo (2014), Camacho (2012), Carvalho-Belini (2014), Creswell (2010), Labov (2008), Marcuschi (2002; 2007), Milroy (2011), Mollica (2015), Paiva (2015), Possenti (1996), Preti (2004; 1977), Severino (2016), in addition to other authors and official documents. The analysis allowed us to verify that the authors intended a specific section called Language is not always the same to discuss the theme of linguistic variation. However, it is important to emphasize that only units 1, 2 and 6 brought this theme, which indicates that the debate on the discredited variations of the language still occupies little space in textbooks, and that the standard variation is still prioritized in the teaching of Portuguese language in Brazil.

KEYWORDS: Textbook; Sociolinguistics; Linguistic Variation; Education.

¹ ¹Doutorando em Educação na Amazônia – PGEDA na Universidade Federal do Amazonas. Docente no Instituto Federal do Amazonas (IFAM) *campus* Coari, Amazonas.



1. Introdução

As variações da língua no livro didático constituem um tema polêmico e são alvos de muitas discussões, tanto no âmbito das escolas quanto fora dos espaços escolares. O trabalho com as variedades linguísticas ainda pode ser considerado um tabu nas escolas brasileiras. A ideia de certo e errado ainda povoa a mente de professores, pedagogos, alunos e familiares na educação brasileira. Falar e escrever com base na variação de prestígio, conhecida como norma-padrão, parece ser a regra e a preferência de todos os envolvidos no processo de ensino.

Nesse contexto, o objeto de estudo deste trabalho é o livro didático, que é considerado por muitos como o principal material de apoio utilizado pelo professor nas escolas brasileiras. O acesso ao material didático é uma garantia da legislação educacional no Brasil. A lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no seu Art. 4º, inciso VIII, preconiza que o dever do Estado para a educação pública será garantido por meio do “atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de *material didático-escolar*, transporte, alimentação e assistência à saúde” (BRASIL, 1996, grifo nosso).

Vê-se que o material didático é um direito, garantido em lei, dos alunos das escolas públicas brasileiras. O livro didático é, sem dúvida, um dos principais recursos didáticos que o Estado deve prover às escolas da rede pública. No Brasil, há o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD, que “é uma política pública executada pelo FNDE e pelo Ministério da Educação, destinado a avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias de forma sistemática, regular e gratuita” (BRASIL, 2021, p. 7).

O PNLD é reconhecidamente um dos maiores programas do mundo de distribuição gratuita de livros diretamente para os alunos de escolas públicas. Diante disso, este trabalho se justifica pela importância que é o livro didático para a educação brasileira, que, em muitos casos, é o único material didático do qual o professor dispõe para trabalhar.



Nessa conjuntura, o presente trabalho objetivou analisar a forma como a variação linguística é trabalhada no livro didático do Ensino Fundamental 2. O material em análise é o Volume 1 (livro do 6º ano – Manual do Professor) da coleção intitulada “Português: conexão e uso”, de autoria de Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho. Delmanto é Licenciada em Letras (Português e Inglês), mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-USP) e atua como professora das redes estadual e particular de São Paulo. Carvalho é Licenciada em Letras e mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP), atua como professora das redes estadual e particular de São Paulo.

O Volume do 6º ano desta coleção, que foi objeto de análise deste trabalho, está estruturado em oito unidades, que são divididas em seções, subseções e boxes, destinados aos estudos do ano letivo, que equivale a nove meses do ano civil. As unidades do Volume do 6º ano são as seguintes: Unidade 1: Da vida real à ficção; Unidade 2: Com a palavra, o leitor e cidadão; Unidade 3: De palavras e imagens faz-se a história; Unidade 4: O fato em foco; Unidade 5: O riso e a crítica; Unidade 6: Trabalhando caminhos; Unidade 7: Peraltes com palavras; Unidade 8: Definindo o mundo que nos cerca.

Destaca-se que, para atender ao objetivo proposto, este trabalho foi orientado pela seguinte indagação: Como é feita a abordagem da variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental?

Diante disso, a análise concentrou-se nas Unidades 1, 2 e 6, mais especificamente nas seções nomeadas pelas autoras de “A língua não é sempre a mesma”. As unidades foram escolhidas justamente por trazerem uma seção dedicada a trabalhar a variação linguística no espaço da sala de aula.

Dito isso, este trabalho traz a seguinte estrutura: Introdução; Referencial Teórico (dividido em duas partes: O tratamento da variação linguística na escola e A Sociolinguística e os estudos da variação); Metodologia; Livro Didático: breve análise do livro de Língua Portuguesa do 6º ano do ensino Fundamental 1 (dividido em quatro seções: A proposta de trabalho do livro sobre a variação linguística, Unidade 1: Da vida real à



ficção, Unidade 2: Com a palavra, o leitor e cidadão e Unidade 6: Trilhando caminhos); Considerações finais e Referências.

2 Referencial teórico

Este referencial teórico traz, de maneira breve, uma discussão em torno do tratamento que é dado à variação linguística no contexto de ensino na Língua Portuguesa na escola brasileira e de conceitos preliminares da Sociolinguística e os estudos da variação.

2.1 O tratamento da variação linguística na escola

É sabido que a língua não é usada da mesma maneira pelos seus falantes. Cada usuário da língua possui seu próprio jeito de falar. Nessa perspectiva, considera-se “[...] comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa” (LABOV, 2008, p. 221, grifo do autor). Além disso, há variações que acontecem de um lugar para o outro.

Em uma país como o Brasil, que possui uma extensão territorial bastante grande, e que tem uma população oriunda de mistura de diferentes povos, é natural que haja muitas variedades no uso da língua.

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1997, p. 26).

Sendo assim, as escolas brasileiras estão inseridas nesse contexto de diversidade linguística. A ideia de *certo* e *errado* ainda é muito presente na mente das pessoas e no contexto de ensino das escolas brasileiras. O que se percebe é que o ensino da Língua



Portuguesa ainda é bastante centrado no ensino da gramática normativa descontextualizada da realidade linguística dos falantes de uma determinada língua.

Não se pretende, aqui, desmerecer ou diminuir a importância do ensino da gramática nas escolas, mas de reconhecer que, fora da norma-padrão prescrita pela gramática, há outras maneiras de uso dos recursos linguísticos que precisam ser consideradas nas práticas pedagógicas. “Os dicionários e as gramáticas são bons lugares para conhecer aspectos da língua, mas não são os únicos e podem até não ser os melhores” (POSSENTI, 1996, p. 22). Não há como negar que as gramáticas são importantes fontes de informações sobre determinada língua, mas, no âmbito da escola, não pode ser a única.

“A *escola* é um organismo tradicional por excelência, em termos da língua. Ela procura uma uniformização, tendo por base os níveis mais altos da linguagem, retratados, em geral, nos grandes escritores” (PRETI, 1977, p. 30, grifo do autor). A uniformização da qual fala este autor está relacionada à imposição que a escola faz da norma padronizada da língua, da chamada variação de prestígio, que é geralmente falada pela elite da sociedade.

Diante disso, é fundamental que a escola reconheça a importância de adotar recursos pedagógicos que contemplem estratégias que valorizem a diversidade de variedades da língua que é falada pela maioria dos alunos. “Os alunos precisam perceber dentro da escola o seu espaço, reconhecendo-se nos textos dos livros usados por ela, percebendo o respeito ao seu dialeto e à sua cultura” (SILVA, 2006, p. 138).

Para isso, a escola precisa ter a coragem de romper com o ensino gramaticalizado da língua, reconhecer que trabalhar a Língua Portuguesa não é apenas ensinar a gramática, que há, fora dos limites gramaticais, outros horizontes linguísticos disponíveis para serem desbravados e que precisam ser considerados no contexto de produção dos planos de ensino da disciplina de Português. Para isso, é preciso estar preparado para combater o chamado preconceito linguístico provocado pelos diferentes modos de se usar a língua.

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para



isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 1997, p. 26).

Enfrentar o preconceito linguístico na escola não é tarefa fácil, até porque as questões referentes ao uso da língua geralmente são deixadas totalmente a cargo do professor de Português. Além disso, ainda é possível dizer que há professores quem têm dificuldade, talvez medo do que os colegas de profissão possam pensar do seu trabalho ou não sabem mesmo como lidar com a situação.

A própria sala de aula deve dar ao professor a possibilidade de variação de diálogo, de uso dos recursos variados da língua, do coloquial ao culto, sem com isso abdicar de sua condição educativa. Devemos ensinar aos alunos que o falante culto é exatamente aquele que dispõe da consciência da prática da variação da linguagem e de sua adequação às diversas *situações de interação*” (PRETI, 2004, p. 16, grifo do autor).

Há pessoas que têm medo de falar em público com receio de serem *corrigidas* ou sofrerem preconceito por causa do seu jeito de se expressar oralmente. Esse comportamento também pode ser observado nos alunos dentro do ambiente escolar. Há alunos que simplesmente não se arriscam a participar das discussões em sala de aula por medo de falar *errado*. Esse medo aparente é tanto do que os demais colegas podem achar quanto do professor, principalmente do professor de Português. Preti (2004, p. 15, grifos do autor) considera que “há pessoas que, ainda hoje, são suficientemente tolas para afirmarem que “têm medo de falar errado” na presença de um professor de Português, como se este devesse ser permanentemente um falante formal, uma gramática ambulante.” Diante disso:

Um bom professor de Português, portanto, tem obrigação de conscientizar seus alunos sobre as variações de língua oral, sob pena de incorrer no erro de um conhecido gramático que explicava, na televisão, que corrigira uma jovem que respondera a uma sua pergunta com a



expressão ‘fiz ele chorar’, dizendo-lhe que o certo seria dizer ‘fi-lo chorar’ (PRETI, 2004, p. 16, grifos do autor).

Essa concepção de que o ensino de Língua Portuguesa deve ser pautado apenas no ensino da gramática normativa é ainda bastante forte na educação brasileira. E, apesar de haver teorias que reconhecem e defendem a heterogeneidade da linguagem, como a Sociolinguística, por exemplo: “A tradição pedagógica replica, [...] que, na prática de quem educa, a teoria é bem outra: há uma e somente uma língua correta e eficaz a todas as circunstâncias de interação, que se define como norma padrão” (CAMACHO, 2012, p. 77).

Mentes mais conservadoras, e aqui não falo apenas de professores, mas de gestores de escolas, de pais de alunos, dos próprios alunos e de outros segmentos da sociedade, cobram dos professores um ensino da língua focado em regras gramaticais e repudiam, inclusive, qualquer tentativa ou método que incorpore as variações desprestigiadas de uso da linguagem.

Possenti (1996, p. 30) lembra que:

Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente a língua.

Sendo assim, em caso de adotar uma metodologia pautada nas concepções da Sociolinguística, é importante dizer que a escola deve ter o cuidado para não passar a ideia de que falar de qualquer maneira é certo ou adequado, mas que o modo de falar deve ser apropriado para cada situação comunicativa. “A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas” (BRASIL, 1997, p. 26).



Falar bem nem sempre significa obedecer cegamente às normas gramaticais, mas fazer-se entender adequadamente, usando os recursos linguísticos convenientemente de forma a atender às necessidades comunicativas momentâneas dos interlocutores.

2.2 A Sociolinguística e os estudos da variação

A variação linguística é um tema de grande interesse dos estudiosos da língua. Nesse campo dos fenômenos linguísticos, a Sociolinguística se apresenta como a teoria que alicerça os estudos da língua em funcionamento no interior da sociedade.

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, fazendo precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2015, p. 9).

Considerar os aspectos sociais nos estudos dos fenômenos linguísticos tem sido uma preocupação da “[...] Sociolinguística Variacionista, umbilicalmente ligada ao nome de William Labov, trata do exame da linguagem no contexto social como solução de problemas próprios da teoria da linguagem” (CAMACHO, 2012, p. 53). Nessa perspectiva de busca da compreensão da diversidade linguística a partir da interação dos falantes no meio social, pode-se presumir o objeto de interesse dessa área de estudo. “Pondo de maneira bem simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIM, 2012, p. 33).

“A sociolinguística trata da estrutura e da evolução da linguagem, encaixando-a no contexto social da comunidade” (CAMACHO, 2012, p. 61). Compreender que os usuários da língua a utilizam de maneiras diversas a fim de que suas necessidades comunicativas sejam satisfeitas é pressuposto para que os estudos sobre a variação consigam explicar determinados registros observáveis nas comunidades linguísticas.



“Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico” (ALKMIM, 2012, p. 35). Mollica considera que: “A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes” (MOLLICA, 2015, p. 10).

Considerando que quem faz uso dos diferentes recursos de linguagem disponíveis na sociedade são pessoas que, embora pertençam à mesma localização geográfica, possuem concepções de mundo diferentes e foram educadas em famílias e escolas também de maneira diferente, não há como todas as pessoas usarem a língua e os outros recursos de linguagem da mesma forma.

Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se (SILVA, 2015, p. 67).

Para a Sociolinguística, todas as formas de falar são válidas, independentemente do estrato social a que pertence o usuário da língua. Sendo assim, “[...] a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade” (MOLLICA, 2015, p. 10).

De todos os recursos da linguagem, a língua é o mais importante e é fundamental para a vida e a sobrevivência humana. “A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua” (PRETI, 1977, p. 2). Nessa perspectiva:

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua” (ALKMIM, 2012, p. 23).



Essa conexão indissociável entre a linguagem, língua e sociedade é o que torna possível a convivência em sociedade. “A linguagem é, sem dúvida alguma, o modo mais característico de comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções socio-interacionais” (CAMACHO, 2012, p. 61). Nessa dinâmica social em que os fenômenos linguísticos surgem e se desenvolvem, a língua se transforma para dar conta de atender às necessidades comunicativas de seus membros. Nesse contexto:

Nas grandes civilizações, a língua é o suporte de uma dinâmica social, que compreende, não só as relações diárias entre os membros da comunidade, como também uma atividade intelectual, que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa, até a cultural, científica ou literária (PRETI, 1977, p. 2).

À medida que as sociedades se transformam e evoluem, as línguas também acompanham esses processos de mudança, de modo que as variações surgem naturalmente no seio das comunidades de fala. Dessa forma:

As línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em *continuum*, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, apropriando-se das variedades cultas e da tradição literária (MOLLICA, 2015, p. 13, grifo da autora).

Come se vê, é no cotidiano da vida em comunidade, na informalidade, que a língua vai, paulatinamente, mudando e, portanto, originando a diversidade de variantes que circulam nos mais diferentes grupos sociais. No decorrer desse processo, algumas dessas variantes acabam sendo estigmatizadas por serem mais usadas por classes sociais menos favorecidas economicamente, sem, contudo, perderem sua importância para a comunidade de falantes.



“Toda língua [...] apresenta variedades mais prestigiadas do que outras” (MOLLICA, 2015, p. 13). Ainda que haja uma valorização das diferentes maneiras de falar, todas são importantes e necessárias para o povo que as utiliza. “As variantes linguísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, uma função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definidos” (PAIVA, 2015, p. 40).

Contudo, cabe ressaltar que em qualquer sociedade do mundo moderno, há um movimento de padronização da língua. “O processo de padronização, conduzido geralmente pelos governos nacionais, vai implicar a elaboração de gramáticas e dicionários, a definição de regras de ortografia e de ortoepia e a criação de academias de belas letras” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 69). Em relação a isso, é importante dizer que essa tentativa de uniformização da língua não é algo natural que surge entre os falantes, mas resultado de políticas linguísticas implementadas pelos governos. “A padronização, parece, é considerada como uma sociopolítica e, portanto, externa à análise linguística – muito embora ela possa afetar a forma da língua” (MILROY, 2011, p. 57). Ainda para Milroy (2011, p. 57, grifos do autor): “Um efeito importante da padronização tem sido o desenvolvimento da consciência, entre os falantes, de uma forma de língua ‘correta’ ou *canônica*.” Este autor chama isso de língua padrão.

Variedade padrão é aquela variedade de uma comunidade de fala que é legitimada e institucionalizada como um método suprarregional de comunicação, como resultado de várias circunstâncias sociopolíticas, relacionadas à detenção do poder, no processo histórico (DITTMAR, 1976 *apud* BORTONI-RICARDO, 2014, p. 69).

Percebe-se, a partir da argumentação dos autores mencionados acima, que a variedade padrão está relacionada ao prestígio social da classe dominante que a utiliza, daí ela ser conhecida, também, como variável de prestígio. Essa variedade funciona como:

Uma entidade superior, que poderíamos chamar *norma culta*, mantém a coesão e representa o ideal *linguístico* da comunidade. É a linguagem



padrão que, em tese, serviria à comunicação falada das pessoas urbanas cultas, além de veículo a todo complexo cultural, científico ou artístico, que se realiza através de sua forma escrita. É a norma tradicionalmente ensinada na escola (PRETI, 1977, p. 33-34, grifos do autor).

Cabe dizer que “[...] as variedades de língua realmente não têm prestígio em si mesmas: tais variedades adquirem prestígio quando seus falantes têm prestígio elevado, porque o prestígio é atribuído pelos seres humanos a determinados grupos sociais [...]” (MILROY, 2011, p. 57). Nessa perspectiva, é oportuno dizer que o fenômeno da variação é o que interessa para os estudos sociolinguísticos. “Para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico” (ALKMIM, 2012, p. 44).

Sendo assim, a Sociolinguística não despreza nenhuma forma de se usar a língua e não faz distinção valorativa entre os diversos fenômenos da variação que circulam naturalmente no seio das sociedades.

3 Metodologia

Pela sua natureza, que é de tentar compreender como o fenômeno da variação linguística é abordado no livro didático, trata-se de um trabalho de abordagem qualitativa, que “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26).

Por se tratar de um trabalho que se debruça sobre um livro didático, e levando-se em conta os procedimentos técnicos adotados, esta pesquisa configura-se como do tipo documental, que tem “[...] como fonte documentos no sentido mais amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais” (SEVERINO, 2016, p. 131). O livro didático é um material impresso que circula no contexto educacional brasileiro, e, portanto, um documento de grande importância para os estudos sobre a variação linguística.



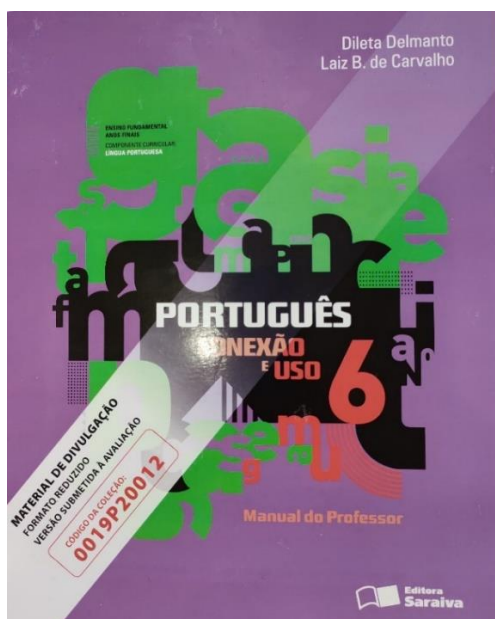
O processo de escolha da obra analisada se deu a partir de uma análise prévia do sumário de alguns livros de Língua Portuguesa disponíveis na biblioteca Escola Municipal Rui Souto de Alencar do município de Coari, no interior do Amazonas. A escola atende a uma demanda de alunos que vai do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Depois disso, uma coleção foi escolhida, por trazer seções que se dedicavam a trabalhar a variação linguística. Desta coleção, foi selecionado o volume 1, do 6º ano do Ensino Fundamental 2, para uma leitura mais apurada e, posteriormente, a realização da análise. Este material faz parte da versão submetida à avaliação dos docentes durante a escolha do livro didático para o triênio correspondente aos anos de 2019, 2020 e 2021.

Destaca-se que análise se concentrou em apenas três capítulos do livro (capítulos 1, 2 e 6), por serem os únicos que traziam uma seção específica sobre a variação linguística denominada pelas autoras de *A língua não é sempre a mesma*, cuja finalidade era justamente trabalhar a variação linguística na escola.

4 Livro didático: análise do livro de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental I

O material em análise é o livro didático do sexto ano do Ensino Fundamental 1 intitulado “Português: conexão e uso”, de Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho (2018). O exemplar ora analisado (Manual do Professor) é parte do material de divulgação utilizado pela Editora Saraiva na ocasião da escolha do livro didático realizada pelos docentes de todo o Brasil. A seguir, faz-se uma descrição da proposta que o livro traz para a abordagem da variação linguística no ensino da Língua Portuguesa, e, na sequência, uma breve análise de como, de fato, a variação linguística é trabalhada no livro didático.

Figura 1: Capa do livro



Fonte: (DELMANTO; CARVALHO, 2018)

4.1 A proposta de trabalho do livro sobre a variação linguística

Já na apresentação do livro, as autoras fazem questão de dizer que o material ora analisado é resultado de anos de trabalho em sala de aula, bem como de leituras e reflexões acerca do processo de ensino-aprendizagem, tanto no que concerne às concepções de língua e linguagem quanto no que se refere a aspectos metodológicos e didáticos.

Isso é importante porque demonstra que as autoras são conhecedoras da complexidade que é trabalhar a língua portuguesa no contexto das escolas públicas e privadas, neste caso do estado de São Paulo. Realidades sociais diferentes impõem desafios diferentes e distintas concepções de língua e de linguagem por parte de todos os envolvidos no contexto educacional, sejam profissionais da educação, alunos, família etc.

Com relação às concepções teóricas que dão embasamento à coleção, da qual faz parte este exemplar que está sendo analisado, as autoras sustentam que: “O projeto desta coleção desenvolve-se no bojo de uma concepção de linguagem que tem a língua como



fenômeno integrado ao universo cultural e histórico-social” (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. VI).

Destacam as autoras, no que concerne ao perfil da obra, em consonância com as competências de linguagens e da disciplina de Língua Portuguesa, que os conhecimentos foram organizados considerando os eixos da Oralidade, Leitura, Produção textual e Análise linguística/semiótica. Dentre os objetivos almejados, destacam-se os seguintes:

- tomar o texto como unidade e objeto de ensino, abordando tanto a compreensão e a produção como as diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua e seus reflexos na produção de textos;
- explorar o texto (oral, escrito e multissemiótico) em sua temática, organização composicional, recursos linguístico-discursivos e semióticos;
- abordar, organizar e aprofundar os conhecimentos linguísticos e semióticos de modo a propiciar ao estudante a possibilidade de refletir sobre os aspectos relevantes da língua, da norma-padrão e demais semioses, bem como desenvolver sua capacidade de análise sobre os fatos, recursos, princípios e mecanismos que possam contribuir para o progresso de seu desenvolvimento e maior proficiência em leitura, escuta e produção de textos escritos e orais;
- ampliar o conhecimento dos alunos a respeito das variedades linguísticas e do preconceito linguístico (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. XV).

As autoras trazem uma proposta de trabalho que põe os gêneros textuais no centro da prática cotidiana de professores e alunos. Tal realidade é muito interessante porque propicia o contato com diferentes linguagens empregadas em contextos diversos de uso da língua e a possibilidade de os alunos compreenderem em que momento deve ser usado esse ou aquele gênero, essa ou aquela variedade da língua.

Compreender que a língua é algo que está sujeita às mudanças que ocorrem na sociedade é importante para se implementar práticas que contemplem a diversidade de gêneros textuais que circulam no meio social e que as diferentes maneiras de se utilizar a língua são importantes para atender às necessidades dos falantes em distintos contextos de uso. “Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente



estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional” (BRASIL, 1997, p. 23).

No contexto contemporâneo, em que as mudanças tecnológicas acontecem muito rapidamente, os gêneros textuais também mudam, alguns desaparecem e outros surgem, seguindo as tendências comunicativas de cada época. “Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos” (BRASIL, 1997, p. 23). Os PCNs de Língua Portuguesa recomendam que os alunos leiam diferentes textos que circulam na sociedade desde o primeiro ciclo.

Outro ponto importante visado pela obra é a necessidade de se trabalhar a norma-padrão, sem desconsiderar a importância de levar para o debate de sala de aula o tema das variedades linguísticas e o preconceito linguístico gerado a partir do uso das variedades que se distanciam do padrão normativo.

Dito isso, o trabalho de análise concentra-se nas unidades 1,2 e 6, mais precisamente nas seções intituladas *A língua não é sempre a mesma*, que tem o

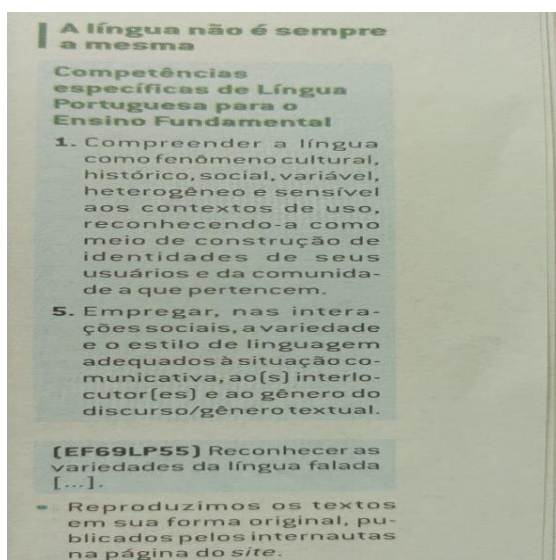
objetivo desenvolver nos alunos a compreensão do fenômeno da variação linguística de maneira científica, entendendo-a como um fenômeno comum às línguas, e avaliando o contexto de produção e circulação de seus usos e os efeitos de sentido que trazem ao texto, demonstrando atitude respeitosa e rejeitando o preconceito linguístico (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. XXVI).

Tendo feito uma breve explanação da proposta de trabalho que as autoras trazem no exemplar da coleção, que é destinado ao professor, passa-se, na sequência, a analisar de que forma as variedades linguísticas são, de fato, tratadas/trabalhadas neste material didático.

4.2 Unidade 1: Da vida real à ficção

Nesta unidade, na atividade envolvendo a variação linguística, as autoras buscam trabalhar a língua como resultado das diversas interações que o falante faz em diferentes contextos da sua vida. Há uma clara intenção de reconhecer a língua como um fenômeno heterogêneo e, portanto, mutável de acordo com a situação comunicativa do falante, mas também como um elemento constituinte da identidade de um povo. Na aba da página, onde se encontram os exercícios sobre a variedade linguística, as autoras fazem questão de trazer as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental.

Figura 2: Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental



Fonte: (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. 25)

Para o Ensino Fundamental 1, que vai do 1º ao 5º ano, os PCNs preconizam, como objetivos gerais de Língua Portuguesa, além de outros, que os educandos devem aprender a “utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam; e ainda “conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado; (BRASIL, 1997, p. 31). Nessa perspectiva, as variedades da língua já devem fazer parte das ações pedagógicas desde os primeiros anos escolares das crianças.

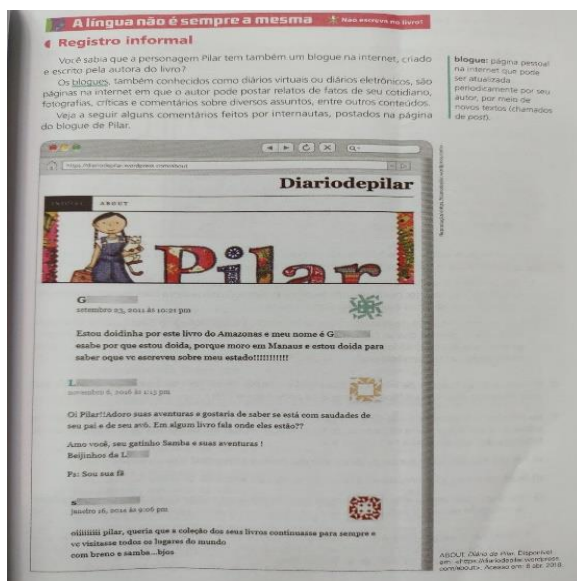
Sobre essa questão, os PCNs de Língua Portuguesa do Ensino fundamental 2, no que se refere ao uso das variedades linguísticas, consideram que os objetivos são:

- conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico;
- reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades; (BRASIL, 1998, p. 33)

Nesse caso, os PCNs reconhecem a importância de se trabalhar os diferentes modos de usar a língua, além de alertarem para a necessidade da conscientização sobre o respeito e a valorização da linguagem de cada grupo social.

A primeira atividade analisada sobre a variação linguística trata do gênero textual blogue. Essa atividade é intitulada “Registro informal” e busca trabalhar a variação linguística. Para isso, as autoras lançaram mão de um fragmento de texto de um blogue chamado “Diariodepillar”. No texto, Pilar, que é autora do blogue, dialoga com internautas.

Figura 3: Registro Informal: Diariodepillar



Fonte: (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. 25)



A seguir, faz-se a análise de cada uma das questões da atividade.

Questão 1:

1. *“Nos comentários que você leu, os internautas se expressam de modo formal ou de modo informal, descontraído? Explique sua resposta no caderno.” (p. 26).*

Na questão 1, as autoras pretendem que os alunos reconheçam o contexto de informalidade, de descontração e de intimidade em que a situação comunicativa acontece, o que possibilita aos interlocutores o emprego de palavras e/ou expressões sem a preocupação com uma linguagem mais elaborada, planejada, formal.

Questão 2:

“Leia os itens a seguir e, para cada um deles, escreva no caderno um exemplo que aparece nesses comentários.

- a) *Abreviaturas.*
- b) *Repetição de letras.*
- c) *Pontuação para indicar sentimentos.*
- d) *Uso de diminutivos afetivos.” (p. 26)*

Nesta questão, o enfoque recai sobre aspectos que caracterizam a linguagem empregada na internet, e que a repetição de letras e sinais de pontuação, abreviatura de palavras deixam a conversação mais dinâmica, além do emprego de palavras no diminutivo que expressam uma conotação de intimidade entre os interlocutores e, portanto, dão características de informalidade ao diálogo.

Após a questão de número 2, as autoras fazem questão de esclarecer, para os alunos, o seguinte:

Podemos variar o modo de falar ou escrever, de acordo com a situação de comunicação. Uma situação de maior formalidade exige mais



atenção e maior planejamento da escrita e da fala, por exemplo. O grau de formalidade ou informalidade da situação determina variações no modo de falar ou escrever, tornando o texto mais formal ou mais informal. A essa variação, damos o nome de **registro** (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. 25, grifo das autoras).

Neste caso, as autoras demonstram preocupação em esclarecer para os alunos não apenas a possibilidade, mas a necessidade de adequação da fala e da escrita ao contexto de uso, justamente o que é explorado nas questões 1 e 2, por meio do gênero textual *blogue*. Essa estratégia reforça a ideia de que tanto a fala quanto a escrita podem adotar aspectos informais, de modo que o grau de informalidade adotado pelo falante se ajuste às necessidades que momento exige.

Ressalta-se, aqui, que esse é um ponto extremamente positivo neste material didático, pois além de valorizar as diferentes maneiras de se usar a língua, rechaça, ainda que indiretamente, a ideia de *certo e errado*, muito presente nos ambientes de sala de aula das escolas brasileiras. Isso permite inferir que há uma tentativa de romper com práticas de ensino da língua portuguesa centradas no ensino da gramática normativa.

É certo que ainda há muita resistência, principalmente por parte de docentes, em incorporar as variedades desprestigiadas da língua no seu plano de trabalho. “Muitos professores, especialmente os mais apegados à tradição gramatical, temem a entrada de novas concepções de ensino, demonstrando uma grande insegurança em relação a novas metodologias de ensino da língua” (SILVA, 2006, p. 138).

Entretanto, quando o livro didático traz, como proposta de trabalho, essa temática para o ensino da Língua Portuguesa, é possível que os professores ofereçam menos resistência e se sintam menos inseguros em abordar tais assuntos em sala de aula, uma vez que os livros didáticos utilizados nas escolas brasileiras têm o aval do Ministério da Educação (MEC).



Questão 3:

“O tipo de registro usado pelos internautas nos comentários do blogue está adequado à situação? No caderno, anote a frase que melhor responde a essa questão.

- I. *Não, porque a situação de interação entre os internautas e a personagem Pilar/a autora do blogue é muito formal. Por isso, os internautas deveriam ter adotado um registro mais formal, monitorado e evitado o uso de gírias e expressões comuns da fala.*
- II. *Sim, porque a situação de interação entre os internautas e a personagem Pilar/a autora do blogue é informal, e permite que as pessoas ajam com mais intimidade e descontração. Por esse motivo, ao postarem os comentários, os internautas podem adotar um registro menos planejado, menos monitorado, um registro informal.” (p. 26).*

Questão 4:

“Em outras situações de interação é possível encontrar textos com características como as que você observou nos comentários do blogue da personagem Pilar?” (p. 26).

Nas questões 3 e 4, mais uma vez, as autoras trazem para o centro de discussão o contexto de interação ente os interlocutores, evidenciando a possibilidade de uso de formas diferentes de linguagem, sem ficar preso ao que a gramática normativa prescreve como forma correta de falar e escrever. Além disso, propiciam aos alunos um momento de reflexão acerca de que outros gêneros textuais podem trazer uma linguagem semelhante à que foi empregada no blogue, mas que cada um terá uma função específica dentro do contexto de comunicação e conseqüentemente na sociedade. Nessa perspectiva:

É importante que a escola, os professores e o livro didático reconheçam a existência das variedades linguísticas no ensino da Língua Portuguesa e revelem ao aluno a necessidade desse reconhecimento, tendo em vista que um mesmo indivíduo pode se apropriar de diferentes usos da língua, dependendo da situação, de quem é seu interlocutor e de suas intenções (CARVALHO-BELINI; SOUSA, 2014, p. 224).



Ter consciência da diversidade linguística e saber qual delas usar em determinados contextos é importante para que o estudante não passe qualquer constrangimento por causa da maneira de falar ou escrever, ou seja, não sofra o chamado preconceito linguístico.

Questão 5:

“Na internet, é frequente o uso de expressões típicas da fala. Além disso, são comuns reduções de palavras, abreviações, falta de pontuação ou repetição exagerada de pontos de exclamação ou de interrogação, uso de grafia não oficial, etc.” (p. 26).

Nesta questão do exercício, novamente as autoras chamam a atenção para o contexto de uso das variedades linguísticas, destacando que a escolha vocabular do falante está atrelada às suas intenções comunicativas, ao ambiente em que o discurso se desenrola e que, nessas circunstâncias, há a possibilidade do uso de uma linguagem informal. “A língua tem um vocabulário, uma gramática e certas normas que devem ser observadas na produção dos gêneros textuais de acordo com as normas sociais e necessidades cognitivas adequadas à situação concreta e aos interlocutores” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 16).

Um ponto interessante e positivo no trabalho das autoras que merece ser destacado é que, no final da atividade, elas fazem questão de lembrar os alunos que: “A língua não é sempre a mesma. As variações no modo de falar ou escrever que uma língua apresenta por causa das diferenças individuais, sociais, culturais, regionais e históricas vividas por seus falantes são chamadas de variedades linguísticas” (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. 26). Trazer esse esclarecimento no livro didático é fundamental, pois dá mais respaldo para o professor quando ele trabalha as variedades linguísticas com os alunos.

4.3 Unidade 2: Com a palavra, o leitor e cidadão

Na unidade 2 do livro, a abordagem das variedades linguísticas é realizada a partir do gênero textual “Carta de reclamação”. A intenção das autoras é mostrar que, neste gênero, por se tratar de uma situação de maior formalidade, há a exigência de uma variedade mais formal da língua, que é adequada ao contexto, diferentemente do que aconteceu na unidade anterior, onde o gênero textual trabalhado foi o “Blogue”, que permite mais informalidade no uso da língua.

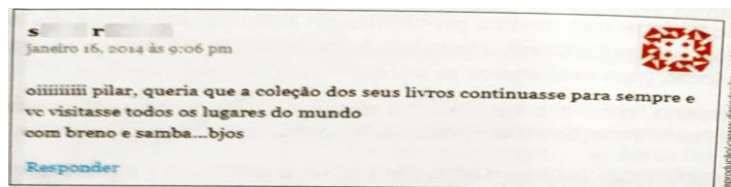
Nesta unidade, a atividade é composta por apenas três questões. Os quadros que seguem reproduzem as questões das atividades referentes à seção A língua não é sempre a mesma.

Quadro 1: A língua não é sempre mesma: Registro informal

Registro informal

Questão 1:

Na unidade 1, você leu comentários de internautas feitos no blogue da Pilar. Vamos rever um deles.



- Como você viu, o registro empregado nos comentários dos internautas é bastante informal, dada a situação de informalidade do blogue de Pilar.

Em sua opinião, esse tipo de registro estaria adequado à carta de reclamação apresentada na Leitura 1? Explique sua resposta no caderno.

Questão 2:

Agora, releia estes fragmentos da carta de reclamação e registre no caderno qual das seguintes afirmações indica a linguagem usada pelo autor

*Neste caso, foi obtida a resposta que "se encontra cadastrada a reclamação [...]".
Em suma, o município do bairro somente é lembrado para a cobrança de tributos [...].*

- a) A linguagem empregada na carta de reclamação contém palavras e expressões usadas somente em situações de muita formalidade, que dificilmente apareceriam em outro tipo de situação.



- b) A linguagem empregada na carta de reclamação é espontânea, contém palavras e expressões usadas em situações informais e é possível observar familiaridade entre os interlocutores.
- c) A linguagem empregada contém palavras relacionadas ao assunto tratado, sendo formal; indica que não há intimidade entre os interlocutores.

Questão 3:

Releia a resposta dada pela Prefeitura e observe a linguagem empregada.

Resposta Prezado Lxxxx, informamos que a Área de Paisagismo e Manutenção da Secretaria do Meio Ambiente, Parques e Jardins (Sema) vistoriou a área pública localizada na rua Paulina Bersani Migliori, no Wanel Ville IV, e programou o serviço de roçagem para a segunda quinzena de janeiro de 2018. Com relação ao buraco na rua José Abel Buckart, informamos que uma equipe técnica da Secretaria de Serviços Públicos, Conservação e Obras (Serpo) foi ao local e o serviço foi executado na última quarta-feira (20).

- Observe o modo como a Prefeitura se dirige ao reclamante e compare com o modo como o internauta se dirige à personagem Pilar. Que diferenças você nota?

Fonte: (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. 52)

Nas três questões da atividade denominada “Registro informal”, da seção “A língua não é sempre a mesma”, constante na unidade 2 do livro, onde se usa, como base, o gênero textual “Carta de reclamação”, as autoras buscam chamar a atenção dos alunos para as diferenças na escolha vocabular usada no blogue e na carta de reclamação.

A intenção parece ser proporcionar aos alunos um momento de reflexão sobre o contexto de produção, as intenções comunicativas, bem como a função de cada um desses textos na sociedade. Para isso, os alunos devem perceber o grau de formalidade e informalidade da linguagem utilizada nesses gêneros textuais, e que cada um é adequado para uma dada situação comunicativa.

Os gêneros textuais são os textos materializados em situações comunicativas recorrentes, encontrados em nossa vida diária e apresentam padrões sócio-históricos característicos, ou seja, são textos orais ou escritos produzidos por falantes de uma língua em um determinado momento histórico (OTONI, 2014, p. 12).

A utilização da diversidade de gêneros textuais disponíveis na sociedade, como recurso didático, é um ponto positivo observado neste livro. É consenso entre os educadores de Língua Portuguesa que os gêneros textuais são recursos bastante ricos e



importantes para o desenvolvimento educacional dos alunos. A capacidade de ler, interpretar, questionar e se posicionar criticamente na sociedade por meios dos distintos gêneros textuais são competências que as escolas precisam desenvolver nos alunos. Inclusive os PCNs recomendam o uso de gêneros textuais para o ensino de Língua Portuguesa. Nesse sentido:

Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva. Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita (BRASIL, 1998, p. 23).

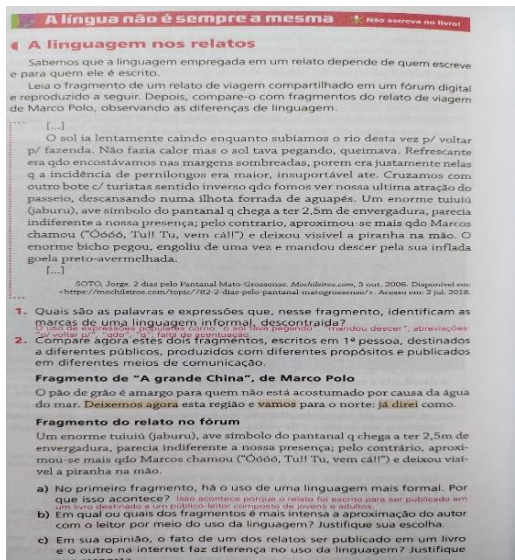
Como se ver, os PCNs orientam os que o ensino da Língua Portuguesa aconteça a partir das múltiplas maneiras de se utilizar a língua em contextos diversos, adaptando os textos às necessidades dos interlocutores a fim de desenvolver a competência linguística dos estudantes. Isso porque “[...] é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” (MARCUSCHI, 2002, p. 22). Nessa perspectiva, os gêneros textuais são a base do processo de comunicação verbal dos seres humanos.

4.4 Unidade 6: Trilhando caminhos

Na Unidade 6, na seção denominada “A língua não é sempre a mesma”, as autoras exploram o gênero textual “Relatos” para trabalhar a variação linguística.

As autoras explicam que o “objetivo da seção é desenvolver nos alunos a habilidade de analisar os sentidos e a intencionalidade do texto escrito e do texto digital, levando em conta fatores determinantes de registro linguístico (formal, informal), como contexto, portador de interlocutores” (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. 206).

Figura 4: A linguagem nos relatos



Fonte: (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. 206)

A figura 3 corresponde à atividade da Unidade 6, que trabalha a variação linguística (registro formal e informal) a partir do gênero textual Relatos. Os exercícios constantes correspondentes à figura acima estão reproduzidos no quadro abaixo.

Quadro 2: A língua não é sempre mesma: A linguagem nos relatos

<p>A linguagem nos relatos</p> <p>Sabemos que a linguagem empregada em um relato depende de quem escreve e para quem ele é escrito.</p> <p>Leia o fragmento de um relato de viagem compartilhado em um fórum digital e reproduzido a seguir. Depois, compare-o com fragmentos do relato de Marco Polo, observando as diferenças de linguagem.</p> <p>[...]</p> <p>O sol ia lentamente caindo enquanto subíamos o rio desta vez p/ voltar p/ fazenda. Não fazia calor mas o sol tava pegando, queimava. Refrescante era qdo encostávamos nas margens sombreadas, porem era justamente nelas q a incidência de pernilongos era maior, insuportável ate. Cruzamos com outro bote c/ turistas sentido inverso qdo fomos ver nossa ultima atração do passeio, descansando numa ilhota forrada de aguapés. Um enorme tuiuiú (jaburu), ave símbolo do pantanal q chega a ter 2,5m de envergadura, parecia indiferente a nossa presença; pelo contrario, aproximou-se mais qdo Marcos chamou ("Óóóó, Tu!! Tu, vem cá!!") e deixou visível a piranha na mão. O enorme bicho pegou, engoliu de uma vez e mandou descer pela sua inflada goela preto-avermelhada.</p>



SOTO, Jorge. 2 dias pelo Pantanal Mato-Grossense. Mochileiros.com, 5 out. 2006. Disponível em: <<https://mochileiros.com/topic/782-2-dias-pelo-pantanal-matogrossense/>>. Acesso em: 2 jul 2018.

1. Quais são as palavras e expressões que, nesse fragmento, identificam as margas de uma linguagem informal, descontraída?

2. Compare agora estes dois fragmentos, escritos em 1ª pessoa, destinados a diferentes públicos, produzidos com diferentes propósitos e publicados em diferentes meios de comunicação.

Fragmento de "A grande China", de Marco Polo

O pão de grão é amargo para quem não está acostumado por causa da água do mar. Deixemos agora esta região e vamos para o norte: já direi com.

Fragmento do relato no fórum

Um enorme tuiuí (jaburu), ave símbolo do pantanal q chega a ter 2,5m de envergadura, parecia indiferente a nossa presença; pelo contrário, aproximou-se mais qdo Marcos chamou ("Óóóó, Tu!! Tu, vem cá!!") e deixou visível a piranha na mão.

- a) No primeiro fragmento, há o uso de uma linguagem mais formal. Poque isso acontece?
- b) Em qual ou quais dos fragmentos é mais intensa a aproximação do autor com o leitor por meio do uso da linguagem? Justifique sua escolha.
- c) Em sua opinião, o fato de um dos relatos ser publicado em um livro e o outro na internet faz diferença no uso da linguagem? Justifique sua resposta.

(DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. 206)

Assim como na Unidade 2, na Unidade 6, as autoras também recorrem a textos que circulam no meio social para trabalhar a variação linguística. Na atividade intitulada “A linguagem dos relatos”, é possível inferir, das palavras das autoras, que a linguagem usada num determinado texto depende dos interlocutores envolvidos no ato de comunicação, isso significa que o contexto no qual o processo de comunicação se desenrola vai determinar o grau de formalidade adotado na produção do texto.

Como já ressaltado anteriormente, o gênero textual é um recurso de grande importância para as aulas de Língua Portuguesa. “Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas” (BRASIL, 1998, p. 23).

Nas três questões que compreendem os exercícios da atividade “A linguagem nos relatos”, no quadro acima, as autoras trazem fragmentos de textos diferentes, produzidos



por pessoas diferentes. A partir desses fragmentos, elas buscam mostrar, comparando os excertos, que a linguagem utilizada neles varia de acordo com quem escreve, a quem se destina, com a intimidade entre os interlocutores, onde o material foi publicado etc., determinando, portanto, a escolha da variedade linguística empregada nos textos. Isso reforça a ideia de que a situação comunicativa influencia o modo de falar e de escrever dos usuários da língua.

Considerações finais

O livro de didático é reconhecidamente um material didático de grande relevância para professores e alunos. Sabe-se que este é, em muitas realidades, o único ou um dos poucos recursos didáticos à disposição de alunos e docentes. Por essa razão, o programa de distribuição gratuita de livros didáticos do Governo brasileiro ganha ainda mais importância no cenário educacional brasileiro, especialmente nas regiões mais pobres do país.

Num país de dimensão territorial tão grande como é Brasil, é natural que haja muitas variedades no modo de falar de seus habitantes. Mesmo tendo uma única língua oficial, o Português, o jeito de cada pessoa usar essa língua é único. Diante dessa diversidade linguística, a escola não pode ficar alheia à tarefa de trabalhar e valorizar as variedades linguísticas que o seu alunado traz consigo para o interior da sala de aula.

Da mesma forma, os governos precisam criar políticas que incentivem a formação para uma compreensão e respeito dos diferentes registros linguísticos que cada comunidade possui. O livro didático configura-se como uma ferramenta de grande importância nessa questão. Nessa perspectiva, os PCNs orientam para a valorização e o respeito das variedades dialetais presentes nas comunidades onde as escolas estão inseridas.

No que se refere ao livro didático analisado neste trabalho, foi possível constatar que as autoras se propuseram a trabalhar a variação linguística. Para isso, foi destinada uma seção denominada “A língua não é sempre a mesma”. Constatou-se que, nestes



espaços, as autoras lançaram mão de gêneros textuais para, a partir deles, explorar a diversidade linguística presente na sociedade.

Verificou-se que as autoras trabalharam a língua como resultado das interações que os falantes fazem em diferentes contextos sociais. A forma de abordagem do material, em relação as variedades linguísticas, procurou reconhecer a língua como algo heterogêneo, como elemento identificador de um povo e, portanto, importante para a sociedade. Buscou criar, nos alunos, o sentimento de valorização da diversidade linguística e da necessidade respeitar a maneira como cada indivíduo faz uso dos recursos da linguagem, especialmente a língua.

Foi possível observar que as autoras se preocuparam em formar, nos alunos, a consciência de que é possível e necessário adequar a fala e a escrita ao contexto de interação dos interlocutores. Outra questão que merece ser destacada foi a iniciativa de tentar romper com ideia de *certo e errado*, que é muito presente no contexto de ensino da Língua Portuguesa no Brasil.

Vale ressaltar que a abordagem da variação linguística realizada pelos livros didáticos é muito relevante para a quebra de paradigmas e da concepção de que a disciplina de Língua Portuguesa dever ser limitada ao ensino da gramática normativa, desconectada da realidade linguística dos alunos e desconsiderando outras possibilidades de uso da linguagem. Isso é importante porque dá mais respaldo ao professor, uma vez que o livro didático goza de credibilidade perante os alunos e a sociedade.

Antes de encerrar, há que se registrar que, apesar de o livro analisado por este trabalho destinar uma seção específica para o estudo da variação linguística, apenas três unidades (1,2 e 6) trataram desta temática. A seção *A língua não é sempre a mesma* não foi verificada nas demais unidades do livro. Tal constatação evidencia que o debate sobre a variação padrão ainda goza de prioridade nos livros didáticos que chegam às escolas brasileiras.

Sabe-se da importância da língua padrão para a vida escolar e profissional dos estudantes e é preciso reconhecer que tal variedade precisa ser trabalhada nas escolas. Entretanto, cabe dizer que é necessário destinar um pouco mais de espaço nos materiais



didáticos, bem como nos planos de ensino para as outras variedades da língua, como forma de reconhecer sua importância identitária das comunidades que as utilizam, bem como de combater o chamado preconceito linguístico.

Referências

- ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística** – parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. vol. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia Digital – PNLD2021: projetos integradores e projetos de vida**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/escolha-pnld-2021-projetos>>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa: Ensino de quinta a oitava séries**. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa: Ensino de primeira a quarta séries**. Brasília, 1997.
- BRASIL. Presidência da República. Lei 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acessado em: 16 ago. 2021.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística** – parte 2. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. vol. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. P. 51-85.
- CARVALHO-BELINI, Raimunda Gomes de; SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. **A variação linguística no livro didático: um olhar sob a perspectiva sociolinguística**. Revista (Con) Textos Linguísticos, v. 8, n. 10, p. 211-230, 2014. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5839>>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução: Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. **Português: conexão e uso, 6º ano: ensino fundamental, anos finais**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.



MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Ângela Paiva. **Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita.** In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Ângela Paiva. (Orgs.). Fala e escrita. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MILROY, James. **Ideologias linguísticas e as consequências da padronização.** Trad.: Marcos Bagno. In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. (Orgs.). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2011. P. 49-87.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação.** In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015. p. 9-14.

OTONI, Patrícia. **Língua Portuguesa.** Curso Pré-Universitário Popular. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2014.

PAIVA, Maria da conceição de. **A variável gênero/sexo.** In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015. P. 33-42.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira.** 3. ed. São Paulo: Editora nacional, 1977.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** ed. 24. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Silvio Ribeiro da. **Variação linguística no livro didático de português ALP-4º Ciclo.** Ideação, v. 8, n. 8, p. 137-155, 2006. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/845/714>>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. **Relevância das variáveis linguísticas.** In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015. P. 67-71.

Recebido em: 20/11/2021 | Aprovado em: 26/07/2022.
